



## Life and Work of the poet Maria de Deus Melo (1939-2017)

---

Filipe José Loureiro Papança

EasyChair preprints are intended for rapid dissemination of research results and are integrated with the rest of EasyChair.

March 9, 2021

## Vida e Obra da poetisa Maria de Deus Melo (1939-2017)



### ABSTRACT

This article analyzes the poetry of Maria de Deus Melo based on her literary biography included in my book of poetry and prose *Resurrection* and the literary in my reflections included in three of her most representative works, *Alentejo Profundo a Role of Hopes*, *Lisbon Dream and Nostalgia* and *Setúbal land of charm*.

**KEYWORDS:** Maria de Deus Melo, Alentejo, literary biography, Isilda Alves, Ecology, Feminism, Lisbon, Setubal, *Resurrection*

### RESUMO

Este artigo efetua uma análise da poesia de Maria de Deus Melo baseada na sua biografia literária incluída no meu livro de poesia e prosa *Ressurreição* e nas minhas reflexões literárias incluídas em três das suas obras mais representativas, *Alentejo Profundo um Rol de Esperanças*, *Lisboa Sonho e Nostalgia* e *Setúbal terra de encanto*.

**Palavras-chave:** Maria de Deus Melo, Biografia literária, Isilda Alves, Ecologia, Feminismo, Alentejo, Lisboa, Setúbal, Ressurreição

Neste mês de Maio completa-se um ano do falecimento da Poetisa Maria de Deus Melo. Este artigo propõe-se visitar a sua obra através de sua biografia literária incluída no meu livro de poesia e prosa *Ressurreição* e de três reflexões literárias minhas incluídas a convite da autora nas suas

obras *Alentejo Profundo um Rol de Esperanças*, *Lisboa Sonho e Nostalgia* e *Setúbal terra de encanto*.

Maria de Deus Melo é uma ilustre poetisa nascida no Cercal do Alentejo em 1939. Enfermeira de profissão, graduada e viveu muitos anos em Angola, vindo a residir posteriormente em Setúbal.

Publicou as seguintes obras: *A Vida Teu Nome é Sofrimento* (1971), *O Grito da Minha Alma* (1977), *O Fingidor 3* (1984), *Raízes do Ser* (2000), em parceria com a sua filha a doutora Isilda Alves, *Angola Ardente* (2000) *Sensualidades* (2002), *Angola tu és Saudade* (2003), *Alentejo Profundo um Rol de Esperanças* (2004), *Lisboa Sonho e Nostalgia* (2004), *Eternamente Bocage* (2006) e *Setúbal Terra de Encanto* (2007).

Está representada nas seguintes antologias literárias: *Antologia Poética I* (1970), *A Mulher e a Sociedade Portuguesa* (1970), *Cadernos de Poesia I* (edição colectiva da cidade de Setúbal), *Antologia de Poetas Portugueses da Associação Portuguesa de Poetas* (VI volume, 1991), *Antologia Millenium – 77 vozes de Poetas Portugueses* (edição da Universitária Editora, 2002), *Antologia-Timor-Do poder à das armas à força do Amor* (Coordenação de Teresa Maria Carrilho – Universitária Editora, 2002) e *28 poetas Sadinós*, coordenação de José Chocolate (Edição da Casa da Poesia - Setúbal 2004).

Colaborou nos seguintes periódicos: *Semanal Sul* e *Semana Ilustrada* de Luanda e jornais como o de *Benguela*, *A Província de Angola*, *O Lobito* e *O Prumo*.

Ilustres fadistas cantam os seus poemas como Georgette de Jesus e Alberto Ventura. Pessoalmente tive o prazer de colaborar em algumas das suas obras, quer como prefaciador quer como crítico literário.

A autora divulgou algumas das suas obras na comunidade africana, nomeadamente em Angola, Moçambique e nos Estados Unidos, encontrando-se os seus livros em várias bibliotecas universitárias das quais destaco a Biblioteca da Universidade Norte Americana do Wisconsin na cidade de Madison (<https://www.wisc.edu>), onde se encontram os seus livros *Alentejo Profundo um Rol de Esperanças* e *Lisboa Sonho e Nostalgia*.

A filha Isilda Alves, professora de Inglês em Escolas do Ministério da Educação, Escola Superior Politécnica do Exército e Academia Militar onde foi minha colega, igualmente poetisa e escritora, é autora do livro *Ecologia no Feminismo Americano*, obra baseada na sua Tese de Mestrado em Estudos Americanos, é co-autora do livro *Raízes do ser*, de reflexões literárias, estando também representada em Antologias poéticas.

## **Reflexão literária incluída no livro *Alentejo Profundo um Rol de Esperanças***

Ò Alentejo !

Que marca imprimes em quem nasce no teu seio !

A beleza agreste da tua paisagem, a sã convivência, teus costumes e tradições cedo inspiraram poetas como Sá de Miranda, Florbela Espanca, Macedo Papança (conde de Monsaraz) ..., escritores como Fialho de Almeida, Manuel da Fonseca, Hernâni Cidade, dramaturgos como Bernardim Ribeiro, historiadores como Túlio Espanca, pedagogos como Manuel Patrício.

Influenciaste igualmente romancistas que não sendo Alentejanos de nascimento, por circunstâncias da vida aí algum tempo viveram. Estou a lembrar-me de Eça de Queiroz, José Régio, Vergílio Ferreira.

Outros como José Saramago sentiram um apelo interior e lá forma buscar inspiração.

Que dizer da música, dos cantares, enfim dum povo que fala verdadeiramente a cantar!

Fiel a esta tradição, Alentejana de nascença, Maria de Deus Melo, escreve um poema logo com ideia da música. Muitas vezes ao acabar de o escrever, recita-mo ao telefone cantando.

Não se queda indiferente à dureza da vida humana como o atesta o poema “O cavador” feito de recordações do mundo da sua infância.

*“...cavas palmo a palmo desgraçado  
o chão que nem é teu,  
para teres um bocado de pão  
o pouco que o homem te deu.  
Depois de velho e cansado  
esse pobre coração destroçado  
em troca do seu tormento,  
pedirá à terra a paz, o esquecimento!”*

recorda-me Fialho de Almeida:

*“Nestas terreolas mesquinhas, entre o cavador que estanca a vida à enxadada, ganhando apenas com que morrer de miséria, e o homem rico que pavoneia em berlinda de correias o estadão dos seus quarenta contos de hortejos e farejais;*

Fialho de Almeida in “O País das Uvas”

Enfim o amor, no seu sentido trágico como recitava Demócrito “*Aparência a cor, aparência o doce, aparência o amor: na realidade só os átomos e o vazio*”; a lembrar Florbela Espanca num misto de tragédia e sensualidade embebida numa certa religiosidade. A própria o reconhece num poema intitulado “Homenagem a Florbela Espanca”:

*Nasci sagitária como tu  
o Alentejo a arder no coração,  
amor puro e alma a nú  
fomos loucas no amor e na paixão.*

*Infelizes e incompreendidas  
gritando ao mundo toda a verdade,  
como se unissem em nossas vidas  
a tua e a minha infelicidade.*

Especial relevo, dedica poetisa à cidade de Évora, a antiguidade das suas pedras, as belas arcadas, oferecem cenário ideal para o amor e a paixão, como refere na quadra:

*Visitámos o templo de Diana  
de mãos entrelaçadas de ternura,  
que pouco foi o tempo p’ra quem ama  
para hoje ter tanta desventura.*

Tal visão tende a provocar um confronto entre o finito e o infinito levando a questionar a própria existência.

Vergílio Ferreira no seu romance “A Aparição” descreve igualmente o êxtase que lhe provoca ao chegar esta cidade a visão súbita do templo de Diana.

*“Templo de Diana. Só nessa noite o vi bem, nessa noite de Setembro,  
lavado de uma grande Lua - raios imóveis de uma oração mutilada,  
silenciosa imagem do arrepio de séculos ...”*

Numa outra passagem da mesma obra escreve:

*“Évora mortuária, encruzilhada de raças, ossuário dos séculos e dos  
sonhos dos homens,, como te lembro, como me dóis!”*

Estamos então perante aquele que no fundo é o drama humano, a angústia do homem perante a sua finitude, que o leva a questionar o bem e o mal, o Deus e o Diabo, tema para o “Cântico Negro” de José Régio.

Alentejo não deixes de inspirar os Poetas.  
Onde existe algo de eternidade  
é na poesia,  
Aquilo que o tempo não corrói,  
Nem destrói,  
Vital sopro de eternidade,  
Para lá da bondade e da maldade.

### **Reflexão literária associada ao livro “*Lisboa Sonho e Nostalgia*”**



Apresentação na Fnac do Chiado em 2005 do livro *Lisboa Sonho e Nostalgia*, a contar da Esquerda, a filha Isilda Alves, Filipe Papança e Maria de Deus Melo

Alentejana de nascimento, lisboeta por afinidade, Maria de Deus Melo escreve sobre Lisboa porque ama a vida. È essa vida vivida com paixão que sentimos palpitar nos seus versos.

Canta-nos o seu e outros fados. Fado que antes de ser cantado importa ser vivido. É a cultura portuguesa em todo o seu esplendor. Como afirmava o poeta Ary dos Santos, *fado é gente a falar da gente*. Até o nosso telejornal é fado.

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*, (Camões) mas a essência vital permanece. Cantado porventura de outra forma. Muda-se o estilo mas a natureza intrínseca mantem-se. Falharam todas as tentativas o colar a uma determinada realidade. Eis a raiz do seu ser!

É neste contexto que surge a guitarra, a fiel companheira, a amante inseparável do fado como o atesta o poema “*A guitarra e o Fado*”. Embora possa ser acompanhado por outros instrumentos é com este que adquire todo o seu esplendor. Afirmam “os entendidos” que a guitarra terá saltado dos salões para as vielas no sec. XVIII, adaptada da guitarra inglesa.

No princípio do Sec. XX aparece num célebre quadro de Malhoa tocada por um fadista ao lado da sua amada. Fiel companheira de tertúlias, festas de estudantes, arraiais, dos retiros nos lugarejos à volta da cidade. Acompanhou a Severa nos salões do conde de Vimioso. Recupera a “respeitabilidade” animando serões familiares, sessões teatrais.

Teremos que esperar pelo sec XX, para constatar a sua plena maturidade. Acompanha grandes nomes como Amália (objeto de uma especial homenagem no livro), Hermínia Silva, Alfredo Marceneiro. Surgem grandes guitarristas: Armandinho, Artur Paredes, Carlos Paredes, António Chaínho, Pedro Caldeira Cabral. Vai-se tornando a pouco e pouco novamente um instrumento erudito.

Atualmente assiste-se à pesquisa e adaptação para guitarra de obras de autores clássicos do sec. XVIII como Carlos Seixas. Adquire foros de conservatório. Surge em festivais internacionais. Funde-se por vezes com o jazz. Eis o seu devir!

A nova geração de fadistas, nomes como Mafalda Arnauth, Mísia, Marisa, Cristina Branco, Katia Guerreiro reflete já essa erudição que já se vinha a notar na parte final da carreira de Amália, quando se associa a Alan Oulman e começa a cantar poemas de poetas como Camões, David Mourão Ferreira, Pedro Homem de Melo, Manuel Alegre, Alexandre O'Neill, José Régio.

São inúmeros os poemas de Maria de Deus Melo cantados por fadistas: Alberto Ventura, António Fernandes, Américo Correia, Ângelo Freire, Georgette de Jesus, Américo Garcia, Inês Tomás, Marília Pais, Toy e tanto outros.

Os bairros típicos de Lisboa constituem o cenário ideal para os dramas que lhe alimentam a “fornalha”, espécie de catarse. A tristeza dá então lugar à alegria:

*“Quem diz que o fado é tristeza*

*É porque não o conhece,  
Quem canta tem a certeza  
Que logo a tristeza esquece.”*

Percorrendo essa Lisboa típica há alguns anos profissões havia que faziam parte da iconografia da cidade (algumas atualmente ainda fazem), o cauteleiro, o ardina (hoje com reconhecido direito a monumento), a varina, o homem das castanhas, abençoados pelo Tejo, permanente fonte de inspiração nesta cidade abençoada por Santo António.

Lisboa sempre airosa e menina. Que assim permaneças. Não deixes que as novas realidades: a poluição, o trânsito caótico, a falta de espaços verdes, os arrabaldes sem fim, quais amálgamas de betão, façam esquecer que tens alma, uma alma sempre bela e moça!

### **Reflexão Literária referente à obra “Setúbal terra de encanto”**

Maria de Deus Melo, uma vez mais nos surpreende com a frescura e a musicalidade da sua poesia, através da qual sentimos os aromas, os odores, o ritmo, as tradições, enfim o pulsar da vida desta cidade, implantada num cenário de rara beleza natural, em que sobressaem o rio sempre azul e a serra da Arrábida, com o seu convento assim como os indescritíveis miradouros com especial destaque para o castelo de S. Filipe.

A sua poesia revela-nos uma vida intensamente vivida, um coração que ama verdadeiramente e continuamente se alarga para todos abranger, a começar pelos mais excluídos, aqueles que a sociedade apelida de loucos mas que são genuínos e como tal portadores de uma riqueza inigualável, aos quais se dedicou através da sua profissão de enfermeira, aspeto que tive oportunidade de testemunhar em visitas que lhe fiz:

“Chamam doidos aos que vivem num hospício  
mas mais loucos são os que vivem em sociedade,  
porque esses não têm ternura, nem o sacrifício  
dos que por eles zelam com caridade”

também as crianças abandonadas são objeto particular do seu carinho e atenção:

“Esses meninos que nunca tiveram nada  
que perderam seu pai e sua mãe,  
que adormeceram na fria madrugada  
corpos gelados pela fome, filhos de ninguém!”

Homenageia com especial carinho as associações a que tem estado ligada e que marcam a vida cultural e cívica desta cidade, o sempre glorioso Vitória de Setúbal, as atividades económicas mais características

como a faina da pesca, os seus artistas, entre os quais se encontram muitos interpretes dos seus poemas e canções, as suas personagens mais típicas.

Enaltece as figuras mais célebres da história da cidade a começar pelo poeta Bocage, a quem já dedicou um livro de poesia, a cantora lírica Luísa Todi, Sebastião da Gama, ilustre professor e poeta, cujo Diário, a merecer uma urgente releitura, revela um pensamento muito em consonância com a autora: mais vale um pouco de amor do que muitas teorias pedagógicas e pseudo regulamentos, de que hoje em dia são vítimas muitos docentes, pois só o amor verdadeiramente nos torna livres. Este era também a chave do dilema existencial de Bocage<sup>1</sup>, cuja alma só encontra finalmente descanso nestas palavras do evangelho de Mateus: “Vinde a mim vós que estais cansados sob o peso do vosso fardo, pois o meu jugo é suave e a minha carga é leve”, pensamento sintetizado por S. Agostinho quando afirma: “Ama e faz o que quiseres”.

Termina o livro com o poema intitulado “Quando a voz do poeta se calar” bem apropriado ao espírito da nossa época, em que se procura calar opiniões discordantes, institucionalizar o pensamento único, felizmente que continuamos a ter preciosas vozes como esta com dimensão e envergadura para se levantarem acima do sucessivamente denominado de “espírito do mundo”, “censo comum” apelidado em linguagem pós moderna de “politicamente correto”. Até a palavra amor começa a parecer inconveniente, ao ponto se ser trocada por um envergonhado “sentimento de si”, melhor ser louco, porque a loucura quando revestida dum carácter divino surge como a forma mais completa de Amor, aquele amor que tudo queima, renova, transmuta e transforma.

Parabéns Maria de Deus Melo por mais esta prodigiosa lição de vida!

Maria de Deus Melo para Além de Excelente Profissional, possuir o Dom da Escrita e da Poesia era dotada de um Excelente Coração que parecia abarcar o Mundo todo!...

A sua poesia marcou profundamente os meus trabalhos científicos e culturais posteriores, principalmente aqueles em que analiso a relação entre Bocage, a poesia e a Matemática (ver bibliografia), assim como a minha própria poesia e prosa.

No dia 20 de Maio de 2017 o Senhor a Chamou...

Descanse em Paz, Eterna lutadora!

---

<sup>1</sup> Ver Papança, Filipe *Reflexão* literária referente à obra *Eternamente Bocage* de Maria de Deus Melo (p.13), Universitária Editora;

Dai-lhe Senhor o Eterno Descanso,

O Eterno Amigo e Admirador,

Filipe Papança;

Bibliografia:

Alves, I.. (2000). *A Ecologia no Feminino Americano* Lisboa: Universitária Editora

Papança, F. (2012). *Ressurreição*. S. Mamede de Infesta: Edium Editores.

Bocage (1971). *Poesias*. Lisboa: Circulo de Leitores

Melo, M. (2006). *Eternamente Bocage*. Lisboa: Universitária Editora.

Melo, M. (2003). *Angola tu és saudade*. Lisboa: Universitária Editora.

Melo, M. (2004). *Alentejo Profundo um Rol de Esperanças*. Lisboa: Universitária Editora.

Melo, M (2004). *Lisboa Sonho e Nostalgia*. Lisboa: Universitária Editora.

Papança, F. (2011). *A Matemática, a Estatística e o Ensino nos Estabelecimentos de Formação de Oficiais do Exército Português no Período 1837-1926: Uma Caracterização*. S. Mamede de Infesta: Edium Editores.

Papança, F. (2012). *Bocage and Mathematics*. Recreational Mathematics Colloquium II: Proceedings of the Recreational Mathematics Colloquium V - G4G (Europe), pp. 165-168. Lisboa: Associação Ludus

Papança, F. (2012). *Ressurreição*. S. Mamede de Infesta: Edium Editores.

Papança, F. (2017) "A Matemática, a Ciência e a Vida Militar na Poesia de Bocage" na revista Incomunidade, Ano 4, Edição 4, Edição 59, Agosto de 2017 pp1.

Papança, F. (2017). *The Poetic sense in Mathematical Knowledge*. New York: Journal of Mathematics and System Science 7 (2017) 148-150

Papança, F. (2017). *The origins of Mathematics - The Influence of Mathematics in Poetry and Poetry in Mathematics*. Recreational Mathematics Colloquium V: Proceedings of the Recreational Mathematics Colloquium V - G4G (Europe), pp. 227-232, Lisboa: Associação Ludus

Papança, F. (2017) A Matemática, a Ciência e a Vida Militar na Poesia de Bocage" Revista on-line Incomunidade, Ano 4, Edição 4, Edição 59, Agosto de 2017.

<https://www.wisc.edu>